VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

GODARD E O CINEMA NOVO: BREVES APONTAMENTOS ACERCA DA APROXIMAÇÃO CINEMANOVISTA DA OBRA GODARDIANA

Jailson Dias Carvalho*

Ao longo da década de 1960, Jean-Luc Godard assumiu um papel cada vez mais preponderante no meio cinematográfico brasileiro, fruto, talvez, de uma maior difusão de seus filmes e de seus escritos no país.

Há indícios da presença de Jean-Luc Godard e da *Nouvelle Vague* na imprensa brasileira a partir daquela data. Raquel Gerber (1982, p. 60-61), em seu estudo bibliográfico e filmográfico sobre o Cinema Novo e Glauber Rocha entre os anos de 1950 a 1978, enumerou a publicação de artigos cujo assunto era a *Nouvelle Vague*, redigidos por um elenco de autores e cineastas, tais como Cacá Diegues ("*Nouvelle Vague*"), Sérgio Augusto ("Cinema moderno e *Nouvelle Vague*") e David Neves ("Os primitivos da *Nouvelle Vague*"), ambos levados ao conhecimento do público através do jornal *O Metropolitano* entre 1960 e 1961. No mesmo período, o cineasta Alex Viany publicou na revista *Senhor* o texto "*Nouvelle Vague*" e Jean-Luc Godard teve o seu "Montagem de meus amores" impresso pelas páginas de *O Metropolitano*. Este pequeno inventário permite deduzir que Jean-Luc Godard e aquele movimento cinematográfico francês comumente associado à sua figura – a *Nouvelle Vague* -

* É professor de história da rede estadual de ensino de Uberlândia e doutorando em história pela Universidade Federal de Uberlândia.

ISBN: 978-85-98711-10-2

repercutiram no meio cinematográfico brasileiro entre os anos de 1960 e 1970, aspecto que constitui um indício para essa intervenção.

A partir destas indicações, cabe indagar que aspectos da obra godardiana (escrita e fílmica) foram retomados pelos cineastas para justificar suas opções estéticas, políticas ou mesmo ideológicas. Que posição assumiu Jean-Luc Godard frente ao projeto Cinema Novo? Que imagens de Godard foram forjadas pelos integrantes do Cinema Novo e qual a relação entre as suas escolhas por elas e o contexto político e sociocultural do Brasil naquele período?

Diante destas questões faz-se necessário traçar um perfil sobre a forma como se deu o consenso em torno da figura de Godard, tido como um cineasta importante para o cinema nacional.

DOS USOS DA LITERATURA NOS ANOS DE 1960, GODARD, O CINEMA NOVO

Um breve panorama sobre um conjunto de questões que se colocavam em discussão na década de 1960 sobre a literatura e o engajamento político dos intelectuais permitirá situar o ambiente cultural da apropriação de Jean-Luc Godard naquele contexto pelos integrantes do Cinema Novo.

De acordo com Heloisa Buarque de Hollanda (1981), a partir da década de 1960 a literatura era objeto de debates, mobilizados pelas propostas revolucionárias de produção cepecista, do experimentalismo de vanguarda, e do Cinema Novo. Naquela oportunidade, realizava-se o debate em torno dos impasses, gerados no interior do processo cultural, devido ao fracasso dos projetos de revolução do início da década; a crise do populismo; a modernização reflexa; a consolidação da dependência e as novas táticas de atuação política do Estado.

A literatura era repensada a partir dos conceitos e valores que a informavam no quadro geral de insatisfações com as linguagens do sistema e da esquerda tradicional. Esta insatisfação relacionou o tema da arte/sociedade em torno da participação engajada. O CPC, por exemplo, postulava que fora da "arte política" não haveria uma "arte popular". Sua concepção de cultura manifestava a necessidade de um compromisso - por parte do artista - de clareza da obra com seu público. A produção

ISBN: 978-85-98711-10-2

poética, tendo a palavra como seu centro, adquiria uma linguagem ritualizada, messiânica, exortativa.

No campo do cinema, a palavra poética era tematizada como questão central. *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, denota este aspecto. Tome-se como exemplo, as palavras do personagem Paulo Martins, revendo sua vida, notabilizando o conflito da participação engajada de um intelectual em crise, tendo como tema a relação arte/sociedade: "a poesia e a política são demais para um só homem".

Outro exemplo que parece denotar a importância que adquiriu a literatura ou palavra poética para o movimento Cinema Novo pode ser buscado em um receptor privilegiado deste movimento no contexto italiano, cenário na qual os filmes brasileiros foram exibidos entre 1960-1970. De acordo com a pesquisadora Paula Regina Siega (2010), o monólogo do personagem Corisco no filme *Deus e o diabo na terra do sol* (Glauber Rocha), chamou a atenção do escritor Alberto Moravia, pois ele identificou na cena o "momento de máxima eficiência estética da obra" (MORAVIA in SIEGA, 2010, p. 168). Para Moravia, a palavra no cinema é quase sempre acessória, mas em *Deus e o diabo*... adquire um relevo tão importante quanto as imagens:

> Corisco, a face e as mãos manchadas de sangue, fala e fala; ao seu redor movem-se ofegantes e estupefatos os outros bandidos; atrás deles abre-se o Sertao maligna estepe de areia e sarça: a palavra que no cinema é quase sempre subsidiária aqui, nesta imobilidade alucinante, adquire um valor representativo e plástico não inferior ao das imagens. (MORAVIA in SIEGA, 2010, p. 165).

Nesse contexto em que a palavra poética denota um relevo importante na narrativa dos filmes, temos que a literatura, de acordo com Hollanda (1981), era tomada como compromisso que: "(...) atravessa toda a primeira fase do Cinema Novo, quer no grande número de adaptações literárias, quer pela opção por uma dicção poética na maior parte de seus filmes" (HOLLANDA, 1981, p. 36). Cabe frisar, contudo, que relativamente ao âmbito cinematográfico, se o engajamento do artista era requerido pelas frentes de produções culturais, por outro lado, os produtores não abriam mão da experimentação e da liberdade do artista.

Um primeiro aspecto que sobressai desta conjuntura na qual a literatura obteve certa configuração, diz respeito à aproximação dos cinemanovistas de Godard, cabendo

ISBN: 978-85-98711-10-2

indagar qual foi o peso que este contato dos produtores com a literatura teve ao intermediar o acesso aos filmes do diretor francês, marcados por uma estreita relação com a literatura, filosofia e as artes (COUTINHO, 2010).

Outro traço de uma abordagem da literatura pelo Cinema Novo é apresentada pela pesquisadora Paula Regina Siega (2010, p. 197), segundo a qual uma interpretação da fome, fomentada pela literatura, e traduzida pelo viés político pelos cineastas do Cinema Novo nos anos 60, "pode ser esclarecida pelo que os termos 'social' e 'político' vêm a significar na cultura da esquerda dos anos 1960". De acordo Paula Siega, a distinção que se fazia no período entre teatro político (o homem como o objeto da história) e teatro social (o homem como o sujeito da história) e o papel do Cinema Novo, esclareceria o emprego da literatura naquele contexto. Ao Cinema Novo caberia o papel de síntese entre as duas posições, sendo a ele delegada a atribuição da passagem do caráter descritivo dos romances em uma interpretação política da realidade brasileira (SIEGA, 2010, p. 198).

Contudo, na medida em que nos distanciamos da primeira fase do Cinema Novo, em fins da década de sessenta, por exemplo, observa-se uma inflexão no pensamento dos cinemanovistas em relação ao modernismo. Com o lançamento do filme *Macunaíma* (Joaquim Pedro de Andrade), e a encenação da peça *O rei da vela* (Oswald de Andrade) em 1967, nota-se um elemento significativo na produção cultural do período, a antropofagia, que parece mediar um novo patamar da apropriação de Godard, pois, naquele cenário, Glauber Rocha marcará a sua presença num dos filmes do cineasta francês (SILVA, 2007, 36-63), *O vento do oeste* (*Vent d'est*), além de publicar um artigo, "Tropicalismo, Antropologia, Mito, Ideograma 69" (ROCHA, 1981, p. 118-122).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVÊDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. Revista Livro de Cabeceira do Homem: Diálogo entre o jornalismo e a literatura em João Antônio. In: *Patrimônio e Memória*. V. 1, n. 2, 2005, p. 154-163. Disponível em: http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v1.n2/Artigos/Carlos%20Azevedo%20Filho.pdf. Acesso: junho de 2012.

ISBN: 978-85-98711-10-2

BERNARDET, Jean-Claude. *Brasil em tempo de cinema*: ensaio sobre o cinema brasileiro. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. (Cinema, v. 3)

._____. ; GALVÃO, Maria Rita. *Cinema repercussões em caixa de eco ideológica*: as idéias de "nacional" e "popular" no pensamento cinematográfico brasileiro. São Paulo: Brasiliense/Embrafilme, 1983.

._____. *O autor no cinema*: a política dos autores, França, Brasil anos 50 e 60. São Paulo: Brasiliense/Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

CERTEAU, Michel de. Primeira Parte: As Produções do Lugar. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, pp. 31-119.

DUBOIS, Philippe. *Cinema, vídeo, Godard*. Trad. Mateus Araújo Silva. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. (Coleção cinema, teatro e modernidade)

FIGUEIRÔA, Alexandre. *Cinema Novo*: a onda do jovem cinema e sua recepção na França. Campinas: Papirus, 2004.

GERBER, Raquel. *O cinema brasileiro e o processo político cultural (de 1950 a 1978)*: bibliografia e filmografia crítica e seletiva (ênfase no cinema novo e Glauber Rocha com entradas na área política e da cultura). Rio de Janeiro: Embrafilme/Dac, 1982.

GODARD, Jean-Luc. *Cinco Guiones*. Trad. Miguel Marías. Madrid: Alianza Editorial, 1973.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de Viagem:* CPC, Vanguarda e Desbunde 1960/1970. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 198l.

JOHNSON, Randal. Modernismo e cinema novo. In: *Literatura e cinema*. São Paulo: T.A. Queioz, 1982. p. 43-98.

LAFETÁ, João Luiz. 1930: a crítica e o modernismo. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2000.

MARIE, Michel. *A Nouvelle Vague e Godard*. Trad. Eloisa A. Ribeiro, Juliana Araújo. Campinas: Papirus, 2011.

ROCHA, Glauber. El «Cinema Novo» y la aventura de la creación. In: ROCHA, Glauber et al. *Problemas del nuevo cine*. Manuel Pérez Estremera (Org.). Madrid: Alianza Editorial, 1971. p. 196-223.

._____. *Revolução do cinema novo*. Rio de Janeiro: Alhambra/Embrafilme, 1981.

._____. *Cartas ao mundo*. Ivana Bentes (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

._____. *Revisão crítica do cinema brasileiro*. 2ª Ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

ISBN: 978-85-98711-10-2

._____. *O século do cinema*. 2ª Ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.